



CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

PABLO PEREIRA DE MIRANDA

RUHAN SOUZA LIMA

NARRATIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA SOCIAL

IRECÊ
2022

PABLO PEREIRA DE MIRANDA

RUHAN SOUZA LIMA

NARRATIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA SOCIAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade Irecê como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação do Professor Esp. Ademar Rocha da Silva.

IRECÊ
2022

PABLO PEREIRA DE MIRANDA
RUHAN SOUZA LIMA

NARRATIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA

Ademar Rocha da Silva
Especialista em Gestão em Saúde (UNEB)
Professor da Faculdade Irecê (FAI)

Joana Grazziele Bonfim Ribeiro
Especialista em Saúde Mental (FTC)
Professora da Faculdade Irecê (FAI)

Ariane Moreira de Senna
Mestra em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA)
Analista Técnico na Especializada Cível e de Fazenda Pública da Defensoria
Pública do Estado da Bahia

IRECÊ
2022

**NARRATIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA SOCIAL**

***NARRATIVES OF HOMOSEXUALITY IN THE SCHOOL CONTEXT FROM A SOCIAL
PSYCHOLOGY PERSPECTIVE***

***NARRATIVAS DE LA HOMOSEXUALIDAD EN EL CONTEXTO ESCOLAR DESDE LA
PERSPECTIVA DE LA PSICOLOGÍA SOCIAL***

Pablo Pereira de Miranda¹

Ruhan Souza Lima¹

Ademar Rocha da Silva²

RESUMO: A pesquisa em questão buscou contemplar as narrativas da homossexualidade em âmbito escolar, sob a égide da Psicologia Social, sendo discutida a conjectura histórica da homoafetividade, ressaltando as transformações sócio-históricas que foram elementos propulsores para a forma como a sociedade contemporânea reproduz o preconceito sexual nos espaços de ensino. Desse modo, objetivou-se analisar as narrativas da homossexualidade em contexto escolar, evidenciando as múltiplas faces da homofobia, os impactos psicossociais e as contribuições da Psicologia Social para o combate do preconceito. Esse estudo foi um relato de experiência de natureza qualitativo-descritivo, sendo utilizado o método de Análise do Discurso. Nessa perspectiva, o relato em questão abarcou elementos como estereótipos, papéis sociais e representações sociais, de modo a entender as repercussões psicossociais da homofobia em homossexuais. Diante disso, engendraram-se experiências subjetivas dos relatores da pesquisa, de modo a explicitar os tipos de violência reverberadas nos espaços de ensino, suscitando o termo “*bullying homofóbico*” como via de discutir e apresentar correlações entre vivências e teoria, explicitando os principais impactos psicossociais ocasionados pela homofobia, além de inferir a importância da Psicologia Social para essa temática. Em suma, essa pesquisa teve relevância social e científica, mediante a discussão de temas atuais e pertinentes para a sociedade, não se atentando às limitações, mas buscando construir novas ferramentas de combate ao preconceito sexual.

Palavras-chave: Homossexualidade; Psicologia Social; Escola; Homofobia.

ABSTRACT: The research in question sought to contemplate the narratives of homosexuality in the school context, under the aegis of Social Psychology, discussing the historical conjecture of homoafetivity, highlighting the socio-historical changes that were driving elements for the way contemporary society reproduces sexual prejudice in educational spaces. Thus, the aim was to analyze the narratives of homosexuality in the school context, highlighting the multiple faces of homophobia, the psychosocial impacts and the contributions of Social Psychology to combat prejudice. This study was a qualitative-descriptive experience report, using the Discourse Analysis method. From this perspective, the report in question covered elements such as stereotypes, social roles and social representations, in order to understand the psychosocial repercussions of homophobia on homosexuals. Therefore, the subjective experiences of the research subjects were engendered, in order to explain the types of violence reverberated in teaching spaces, raising the term "homophobic bullying" as a way to discuss and present correlations between experiences and theory, explaining the main psychosocial impacts caused by homophobia, and inferring the importance of Social Psychology for this theme. In short, this research had social and scientific relevance, through the discussion of current and relevant themes for society, not paying attention to the limitations, but seeking to build new tools to combat sexual prejudice.

Keywords: Homosexuality; Social Psychology; School; Homophobia.

RESUMEN: La investigación en cuestión buscó contemplar las narrativas de la homosexualidad en el contexto escolar, bajo la égida de la Psicología Social, siendo discutida la conjetura histórica de la homoafectividad, destacando los cambios socio-históricos que fueron elementos impulsores para la forma en que la sociedad contemporánea reproduce el prejuicio sexual en los espacios educativos. Así, se pretendió analizar las narrativas de la homosexualidad en el contexto escolar, destacando las múltiples caras de la homofobia, los impactos psicosociales y las contribuciones de la Psicología Social para combatir los prejuicios. Este estudio fue un informe de experiencia de carácter cualitativo-descriptivo, utilizándose el método de Análisis del Discurso. Desde esta perspectiva, el informe en cuestión abordó elementos como los estereotipos, los roles sociales y las representaciones sociales, con el fin de comprender las repercusiones psicosociales de la homofobia en los homosexuales. Por lo tanto, se engendraron las experiencias subjetivas de los investigadores, con el fin de explicar los tipos de violencia reverberados en los espacios educativos, planteando el término "bullying homofóbico" como una forma de discutir y presentar correlaciones entre las experiencias y la teoría, explicando los principales impactos psicosociales causados por la homofobia, e infiriendo la importancia de la Psicología Social para este tema. En resumen, esta investigación tuvo relevancia social y científica, a través de la discusión de temas actuales y relevantes para la sociedad, sin prestar atención a las limitaciones, sino buscando construir nuevas herramientas para combatir los prejuicios sexuales.

Palabras clave: Homosexualidad; Psicología social; Escuela; Homofobia.

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a homossexualidade é tão antiga quanto à própria humanidade, sendo tal afirmação validada na literatura, mitologia, música, entre outros artefatos, que perpassam por inúmeras civilizações, culturas e épocas distintas. Todavia, o termo “homossexual” surge apenas no século XIX com os estudos de *Károly Mária Kertbeny*, ao escrever sobre relacionamentos afetivo-conjugal de pessoas do mesmo sexo, substituindo vocábulos como “pederasta” e “sodomita”. Já a expressão patologizada “homossexualismo” aparece alguns anos depois, em 1886, sendo amplamente utilizada pela comunidade científica até o final do século XX. Desse modo, é imprescindível retomar alguns elementos históricos da homossexualidade, como via de compreender as origens do preconceito sexual e, de que modo ele se manifesta (Toniette, 2006; Faro, 2015).

A priori, Faro (2015) aponta que a história da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, no Egito, inserindo os estudos de *Eskridge* (1993) que indicam de maneira direta e indireta uma boa receptividade da prática homossexual pela civilização egípcia antiga e da extinta Mesopotâmia, sendo tal aceitação representada na cultura, mitologia e literatura, concebendo uma imagem positiva da prática sexual entre sujeitos do mesmo sexo. De tal modo ocorre com outras culturas, como em Roma e na Grécia Antiga, que apresentam uma série de evidências da aceitabilidade do comportamento homoafetivo, seja em sua arte, ou na literatura.

Com a expansão do cristianismo, na Idade Média, houve uma modelação do pensamento social acerca da homossexualidade e outras práticas como a masturbação e o adultério, considerados atos criminosos, havendo a disseminação de uma imagem distorcida acerca da homossexualidade, associando a prática homoerótica ao pecado e passível de perseguição e punição, prevalecendo essa perspectiva até o século XIX, onde a homossexualidade ganha o rótulo de doença sob a ótica biomédica. Além disso, é importante frisar, aqui, que o termo homossexualidade, começa a ganhar notoriedade formalmente somente no final do século XIX e início do século XX, com os avanços dos estudos em sexologia, sendo que antes desse período, os termos mais utilizados eram “sodomita”, “pederasta”, “uranista” (Santos, 2013; Marques, 2014; Iotti, 2021; Bock, Furtado, & Teixeira, 2020).

A partir do século XX, a homossexualidade já com o viés patológico, é incluída no Código Internacional de Doenças (CID), pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na categoria de Personalidade Patológica, mediante o registro 320.6, referente a desvios sexuais. Na mesma

perspectiva, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) publica o primeiro Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Distúrbios Mentais (DSM-I) classificando a homossexualidade como mais um dos desvios sexuais, sob a rotulação de homossexualismo, sendo o sufixo “ismo” atrelado ao conceito de doença, perdurando até meados de 1990, quando em 1993, a OMS extinguiu essa terminologia, adotando o sufixo “idade” como um substantivo abstrato e sem viés patológico (Pretes & Viana, 2007; Guimarães, 2009).

Seguindo essa conjectura, pode-se notar que a homossexualidade, antes erroneamente classificada como homossexualismo, deixou de ser considerada uma patologia pela ciência médica mundial apenas no final do século XX, embora a APA em 1973 já tivesse afirmado que a homossexualidade não se tratava de uma perturbação mental. Entretanto, essas mudanças não ocorreram de forma simples, havendo a mobilização de movimentos políticos e sociais, durante anos, no ensejo pela desconstrução da ideia estruturada de uma sexualidade patologizada e/ou criminalizada. Nesse histórico de luta, no cenário nacional, destaca-se o coletivo denominado Grupo Somos, referência para a criação de outros grupos como o Dialogay (SE), Um Outro Olhar (SP), Grupo Dignidade (PR), Grupo Arco-Íris (RJ), Grupo Gay da Bahia (BA), entre outros (Toniette, 2006; Iotti, 2021).

Em decorrência desses movimentos sociais, atrelados à movimentos feministas e antirracismo, a homossexualidade ganha novos vieses, entre o final do século XX e início do século XXI, se afastando, a pequenos passos, da marginalização e da estigmatização produzida historicamente pelas bases do heterossexismo e do patriarcado. Contudo, em uma via diferente, a homofobia continua sendo perpetrada diariamente com discursos pautados em fundamentalismos políticos e religiosos, que alimentam as dicotomias sociais existentes e o preconceito sexual, construído historicamente contra sujeitos de orientação sexual homoerótica (Toniette, 2006; Iotti, 2021).

1.1 FUNDAMENTOS DA CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO CONTRA HOMENS HOMOSSEXUAIS NA SOCIEDADE SOB O PRISMA DA PSICOLOGIA SOCIAL

Antes de adentrar à temática da homofobia, faz-se de suma relevância caracterizar o preconceito, que para a Psicologia Social perpassa por uma gama de definições, considerando desde a subjetividade de cada sujeito, até elementos sociais, históricos, políticos e cognitivos.

Diante dessa colocação, o preconceito pode ser observado como um comportamento e/ou atitude hostil, que ocorre relacional e contextualmente, contra um indivíduo ou grupo, por considerá-lo inferior ou inadequado, mediante a esquematização de estereótipos, emoções e discriminação, desencadeando em uma dinâmica de exclusão. Com base nisso os preconceitos podem ser caracterizados como de natureza social, racial, sexual, etc., sendo que este último engendra o conceito de homofobia (Lima, 2020).

Nesse sentido, Estefam (2016) ressalta que a homofobia é um fenômeno complexo, por sua natureza multifatorial, podendo ser descrita como um comportamento aversivo contra um determinado grupo ou indivíduo (homossexual). Da perspectiva etimológica, homofobia significa aversão ao semelhante, haja vista que o vocábulo *homo* expressa a ideia de semelhança ou igualdade, já o termo *fobia*, designa aversão ou medo. Essa categoria de preconceito pode ser explicitada por agressões psicológicas, físicas e verbais, sendo relevante salientar que a homofobia não é um fenômeno novo, como discutido anteriormente, mas que se associa a uma conjectura sócio-histórica marcada pela estruturação de preconceitos e estereótipos, com base em crenças e valores pautados na heteronormatividade.

Em analogia a isso, a homofobia como um preconceito às relações homoafetivas, tem suas principais raízes acopladas na Idade Média, com a união entre igreja e Estado, transformando a homossexualidade, chamada sodomia ou pederastia, em heresia, ou seja, em algo imoral, ou que ia contra os princípios divinos. A partir disso, a imagem do sujeito homossexual passou por um processo de criminalização e demonização que reflete até os dias atuais, em virtude da estruturação de uma base social heterossexista e patriarcalista, regida por princípios judaico-cristãos, que moldou como observamos a homossexualidade masculina na contemporaneidade (Torres, 2013).

Nesse sentido, Salgueiro (2016) aborda a importância de engendrar nessa discussão alguns elementos que justificam o modo como a homoafetividade passou a ser percebida socialmente, considerando o perfil tradicional masculino construído ao longo dos séculos. Em virtude disso, torna-se primordial inserir os papéis de gênero estabelecidos pelas sociedades, marcadas pelo fenômeno do patriarcalismo, onde os homens desempenham comportamentos/atitudes viris, e as mulheres desempenham um papel submisso e oposto aos comportamentos de virilidade, evidenciando assim um afastamento simbólico entre o perfil masculino, do feminino.

Mas de que modo a homossexualidade se insere nessa discussão? a resposta pode ser simples, ou não, mas volta-se a entender que a homoafetividade passou a ser vista socialmente como uma aproximação do homem com o perfil feminino, rompendo as nítidas fronteiras entre o que é ser masculino, e o que é ser feminino, mediante o processo de construção de estereótipos (Salgueiro, 2016).

Lima, França, e Freitag (2020) apresentam diversos estudos que abordam a temática dos estereótipos, como as pesquisas de *Hamilton e Trolier* (1986) e os trabalhos de *Lippmann* (1922) que descrevem que os estereótipos são entendidos classicamente como um conjunto de características que se associam mentalmente com uma etiqueta ou rótulo grupal. Além disso, os estereótipos podem ser compreendidos como estruturas cognitivas que engendram nossos conhecimentos e expectativas, direcionando nossos julgamentos e avaliações a despeito de outras pessoas ou grupos sociais, como na homossexualidade, que mediante um longo processo de exclusão e invisibilização social, foi enquadrada como algo à margem do que é considerado normal ou natural, reverberando ideias de patologização e criminalização, historicamente trazidos no texto.

Retomando aos elementos históricos acerca da homossexualidade, Molina (2011) explana que as bases do preconceito contra homens *gays*, estão intrinsecamente conectados com os artefatos históricos, ou seja, as noções que colocaram a heterossexualidade no cerne da normalidade e enquadraram a homoafetividade como algo anormal, pode ser um elemento propulsor para a estereotipação negativa de grupos não-heterossexuais. Posto isso, a autora enfatiza a necessidade de tecer narrativas a respeito da desconstrução dos papéis sexuais masculinos e femininos, bem como a relevância social de abarcar as representações sociais, como via de compreender e de repensar os papéis sociais desempenhados pelas pessoas.

Seguindo esse raciocínio, Antunes (2016) concorda com Molina (2011) ao enfatizar a relevância dos papéis sociais para a construção e manutenção do preconceito sexual, mencionando a emblemática associação do homossexual ao gênero feminino, como via de depreciar e inferiorizar o que foge dos padrões hegemônicos da masculinidade heteronormativa. Nesse sentido, a heteronormatividade, sustentou as bases de poder e funcionamento da sociedade, colocando o comportamento homoafetivo como contrário e indesejável, havendo um processo de segregação e exclusão social, afastando os homossexuais de direitos humanos básicos. A respeito dessa colocação, Antunes (2016) discorre que nesse processo de inviabilização de direitos de

homossexuais, cinco dispositivos corroboraram para a interdição da homossexualidade: as tradições, a religião, os hábitos, o sistema jurídico e as ciências biomédicas.

Além desses dispositivos citados por Molina (2011) há também o fenômeno da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, que de acordo com o autor não pode ser resumido ao indivíduo ou ao grupo, mas como uma espécie de atmosfera que engendra elementos específicos da sociedade. Para isso, Moscovici criou dois processos das TRS, sendo o primeiro denominado Ancoragem, um processo voltado a dar nome a alguma coisa, atribuindo paradigmas estocados na memória e havendo o estabelecimento de relações positivas ou negativas. O segundo conceito é a Objetivação que versa pela união de ideias de não familiaridade com a de realidade, suscitando em uma verdadeira essência da realidade (Moscovici, 2015).

Em resumo, Moscovici (2015) aborda que a Teoria das Representações Sociais objetiva o estudo da diversidade dos sujeitos, considerando como primordial a análise das atitudes e dos fenômenos (em toda a sua estranheza e imprevisibilidade) que permeiam a cadeia de interações sociais. Logo, a TRS versa pelo descobrimento de como as pessoas podem construir uma sociedade estável, previsível, mediante as diversidades existentes e as motivações individuais e coletivas.

Nessa direção, Santos, Araújo, Negreiros, e Cerqueira-Santos (2018) citam os estudos de Pereira, Torres, Pereira, e Falcão (2011) bem como pesquisas de Lacerda, Pereira e Camino (2002) que apontam que as representações sociais se encontram no topo do preconceito, tendo em vista a sua função primordial na teia das relações grupais, podendo ser mediadoras de categorias identitárias ou construídas a partir dos processos identitários. Em outras linhas, citando *Doise* (2002) os autores inferem que além da articulação de elementos afetivos, mentais, da linguagem, da comunicação, cognição, etc., as representações sociais, como um estudo de perspectiva societal, coloca as relações intergrupais no contexto dos conflitos culturais e ideológicos da sociedade, evidenciando explicações a respeito das relações de poder entre grupos.

Destarte, as representações sociais da homossexualidade podem ser entendidas com base na constituição de cinco princípios organizadores: crença na natureza religiosa, ético-moral, psicológica, biológica e psicossocial. A importância dessas representações se dá no sentido de que as teorias e práticas científicas quando transformadas no saber do senso comum podem repercutir para o processo de discriminação social contra os homossexuais, mediante duas categorias de preconceito: o flagrante e o sutil. Sendo importante destacar as características do

preconceito flagrante que são representadas por meio da rejeição à proximidade, bem como, pela expressão de emoções negativas (Pereira, Torres, Pereira, & Falcão, 2011).

No que diz respeito preconceito denominado sutil, há menos rejeição à proximidade e emoções negativas. Diante do exposto, Pereira et al. (2011) argumentam que os preconceituosos flagrantes têm tendência a compartilhar de crenças ético-morais e religiosas em relação à homoafetividade e os preconceituosos sutis utilizam-se de crenças sobre a natureza psicológica e biológica, ao passo que os não preconceituosos recorrem a fatores psicossociais.

Esses resultados mostram que as representações da natureza da homossexualidade possuem a propensão maior para a contribuição da manutenção da prática discriminatória, tendo em vista que salientam a representação do homossexual como portador de alguma anormalidade psicológica ou biológica, promovendo então uma série de repercussões em diversos âmbitos sociais, dentre eles, o contexto escolar, como um dispositivo mantenedor da norma heteronormativa (Pereira et al., 2011).

1.2 INTERLOCUÇÕES ENTRE A HOMOSSEXUALIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR

No âmbito escolar, a temática da homossexualidade é arraigada de dilemas, haja vista a resistência e o silenciamento dos agentes sociais inseridos nesses espaços. Dessa perspectiva, Ferrari (2014) aponta que a escola é um espaço de suma importância para a formação social e cultural dos sujeitos, tendo em vista que pautas a respeito da sexualidade e diversidade sexual são necessárias para que aconteça naturalmente a inclusão de pessoas com identidades sexuais diferentes dos padrões heteronormativos, sem atrapalhar a aprendizagem dos educandos.

Contudo, a realidade social que vivemos nos mostra o oposto, não havendo em muitos casos a abertura necessária para se abordar essas discussões. Em consideração a isso, observa-se que a sexualidade e suas diversas manifestações seguem sendo um *tabu* para muitos profissionais, evitando trabalharem com essas demandas, optando pelo apagamento dessas pautas e, contribuindo direta ou indiretamente com a repercussão da homofobia (Ferrari, 2014).

Molina e Figueiró (2012) discutem que a homofobia se justifica no contexto escolar mediante a compreensão de que a homossexualidade é uma identidade que se distancia dos ideais heteronormativos. Desse modo, é a partir desse silenciamento na escola que o *bullying* homofóbico torna-se uma forma efetiva de perpetuar o heterossexismo nesse ambiente, tendo em

vista que a ignorância por falta de informação entre educadores e demais profissionais propiciam o aparecimento e a manutenção do preconceito com pessoas que se distanciam do padrão heterossexual.

Atentando para tudo que foi dito até aqui, há o ensejo de provocar reflexões que problematizem sobre os saberes a respeito de normatização e naturalização da conduta homofóbica na escola, tendo em conta o apagamento de pautas como a sexualidade e diversidade sexual nesses cenários. Assim, a homofobia na instituição de ensino gera uma gama de impactos psicossociais que se revelam através da intolerância e de comportamentos hostis contra homossexuais. Em vista disso, há a forte recorrência de violências, sejam de natureza física, psicológica, ou de natureza verbal, que ocorrem por meio do fenômeno social denominado *bullying*, ou mais especificamente o *bullying* homofóbico (Roselli-Cruz, 2011).

Roselli-Cruz (2011) segue discorrendo a relevância de analisar, identificar e intervir nos casos de *bullying* homofóbico, mediante o enquadramento das famílias, alunos, professores, funcionários e sociedade geral, como via de discutir a respeito da diversidade sexual existente e tecer diálogos saudáveis a despeito dessas pautas. Assim sendo, a escola tem papel fundamental na função de conscientização e orientação de crianças e adolescentes, sendo um espaço democrático que pode auxiliar na promoção da mudança de hábitos e comportamentos, visando a inclusão social e a consciência social.

Por essa perspectiva, o respeito à diversidade e o direito a singularidade são fundamentais nas construções potencializadoras entre as pessoas, assim como a valorização da singularidade do sujeito, tendo a psicologia um papel primordial nesse contexto, de modo a contribuir para o reconhecimento das pluralidades de expressões de orientação sexual e de identidades de gênero, para além dos modelos binários, bem como no acolhimento e intervenção, seguindo os princípios ético-profissionais (Molina & Figueiró, 2012).

Diante de tudo que foi dito até aqui, essa pesquisa buscou apresentar uma compreensão de narrativas a respeito da homossexualidade no contexto escolar, sob o prisma da Psicologia Social, como via de explanar os impactos intra e extrapsíquicos ocasionados pelo fenômeno do *bullying* homofóbico. Em face disso, foram abordados elementos como estereótipos, papéis sociais e preconceito, visando ampliar as discussões acerca da temática (Costa & Nardi, 2015; Ferrari, 2014).

Assim, esse estudo propiciou a reflexão acerca da ocorrência do *bullying* homofóbico

nas escolas, buscando viabilizar o processo de conscientização das pessoas no reconhecimento dos processos discriminatórios, no ensejo de contribuir cientificamente com a temática, por meio da construção de diálogos que contemplem os impactos psicossociais da homofobia, bem como pela explanação de ferramentas de apoio às vítimas de preconceito sexual, possibilitando a disseminação de informações referentes ao tema, tanto no meio acadêmico, quanto na sociedade. Portanto, como motivação pessoal, a elaboração de tal pesquisa girou em torno da necessidade de englobar as principais contribuições da Psicologia Social para o enfrentamento do *bullying* homofóbico.

Desse modo, o recorte metodológico desse trabalho foi um relato de experiência, com o intuito de abarcar as vivências individuais e subjetivas dos relatores do projeto, referente à temática. Para isso, inferiu-se a técnica qualitativo-descritiva, versando pela maximização das ideias e construção de ideias e críticas pertinentes. Ademais, para a análise e tratamento dos dados, utilizou-se a ferramenta denominada Análise do Discurso, no ensejo de aprimorar e estreitar as ligações entre os dados coletados na literatura científica e as vivências narradas.

Em suma, a elaboração desse estudo se deu a partir da inferência da seguinte pergunta: quais as narrativas a respeito da homossexualidade no contexto escolar sob o enfoque da Psicologia Social? adiante houve o estabelecimento de alguns objetivos, voltados a responder esse questionamento, sendo que de modo geral, buscou-se compreender as narrativas referentes as vivências homoafetivas no contexto escolar sob a perspectiva da Psicologia Social, enfatizando as representações do *bullying* homofóbico no cenário escolar, assim como pela identificação dos principais impactos psicossociais em homens homossexuais acometidos pela homofobia em espaços de ensino, versando pela análise do modo como a homofobia se perpetua no âmbito escolar. Por fim, objetivou-se discutir sobre as contribuições da Psicologia Social no combate ao preconceito sexual.

2 METODOLOGIA

Nesse estudo, empregou-se o método de relato de experiência, com enquadre qualitativo-descritivo. Posto isso, segundo Oliveira (2012) um relato de experiência consiste em uma técnica de caráter social, que visa engendrar as experiências humanas, seja a partir da observação, ou sob o conjecturamento de hipóteses sobre determinado acontecimento. Nessa

perspectiva, um relato de experiência busca angariar dados detalhados referentes às vivências singulares ou coletivas acarretando novas narrativas reflexivas sobre determinados fenômenos sociais (Oliveira, 2012).

Do ponto de vista de Yin (2016) o relato de experiência engloba a técnica de pesquisa qualitativa, versando por desempenhar determinadas características, como, por exemplo, o estudo da vida das pessoas, se atentando aos aspectos comportamentais desempenhados pelos sujeitos, seja coletiva ou individualmente, visando considerar as opiniões e perspectivas dos sujeitos envolvidos nessa análise. Ademais, essa técnica propicia compreender e explicitar de maneira contextualizada o meio onde as pessoas e/ou grupos se inserem, objetivando assim contribuir com revelações conceituais sobre os comportamentos observados, sob a ótica de diversas fontes de evidência.

Buscando maximizar as discussões referentes à temática, esse estudo empregou juntamente ao método qualitativo, a técnica descritiva, explanada por Gerhardt & Silveira (2009) como um tipo de metodologia que permite descrever de maneira coerente alguns fatos e acontecimentos de determinada situação, exigindo do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar.

Desse modo, essa pesquisa de relato de experiência foi elaborada mediante o enquadramento de narrativas dos dois relatores desse projeto, ambos do gênero masculino, sendo o primeiro autodeclarado homossexual, com idade de 27 anos, solteiro, sem filhos, residente do interior da Bahia e graduando do 10.º semestre do curso de bacharelado em Psicologia de uma instituição privada de ensino superior. O segundo relator, autodeclarado homossexual, com idade de 25 anos, solteiro, sem filhos, nascido no estado de São Paulo e atualmente residente do interior da Bahia, cursando o 10.º semestre do curso de Psicologia em uma faculdade de ensino privado.

A partir dessas informações foi possível discorrer sobre experiências individuais de cada narrador a respeito de suas vivências enquanto homossexuais, enfatizando o ambiente escolar como locus de análise experiencial desses indivíduos, através da análise de fatos vividos pelos mesmos, para assim explicitar e compreender os principais impactos da homofobia em homens *gays* e suas repercussões psicossociais. Para isso, os relatores utilizaram algumas ferramentas para a identificação e análise das experiências, sendo utilizado o diário de bordo, de modo a angariar de maneira objetiva as informações pertinentes. Além disso, foram utilizados materiais, como fichamentos e anotações individuais, cadernos e computadores de uso próprio.

Para a composição do arcabouço teórico-metodológico dessa pesquisa, foi empregada a técnica de Análise do Discurso de *Michel Pêcheux*, que pode ser entendida através da análise do sentido e não do conteúdo do texto, sendo um sentido que não é traduzido, mas produzido, mediante a formulação entre ideologia, história e linguagem. Em outras palavras, Lima (2003) ao citar *Maingueneau* (1998) discorre que a Análise do Discurso objetiva articular sua enunciação sobre determinado lugar social, estando relacionada aos gêneros de discurso trabalhados nos ambientes sociais (Caregnato & Multi, 2006).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AS MÚLTIPLAS FACES DA HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR: O *BULLYING* HOMOFÓBICO

As narrativas a respeito da homofobia no ambiente escolar dos autores dessa pesquisa aconteceram em períodos distintos, sendo importante enfatizar que ambos os relatos apresentaram discursos referentes a vivências individuais no ensino médio brasileiro, enquanto homossexuais do gênero masculino. Para melhor compreensão das narrativas dos autores, nesse estudo, denominou-os mesmos com os seguintes termos: narrador 1 e narrador 2. Em relação ao narrador 1 observa-se que a sua vivência ocorreu no ensino médio, entre o ano de 2010 até o ano de 2012 em uma escola estadual do interior baiano. Enquanto o narrador 2 descreveu que as suas experiências também ocorreram no ensino médio, em uma escola pública do interior baiano, sendo tais experiências vivenciadas entre os anos de 2012, 2013 e 2014 evidenciando as suas percepções acerca da ocorrência da homofobia em cenário escolar.

Desse modo, cabe uma análise detalhada a respeito dos principais impactos psicossociais enfrentados pelos narradores, apresentando uma correlação entre a homofobia e o conceito de *bullying* escolar. Nessa perspectiva, Bandeira e Hutz (2012) apresentam a conceituação de *Olweus* (1993) a respeito do *bullying*, que pode ser compreendido como uma subcategoria de comportamento agressivo que se manifesta entre os pares. Desse modo, esse comportamento visa prejudicar, humilhar e consequentemente discriminar e excluir socialmente o indivíduo ou grupo-alvo. Com base nisso, o *bullying* pode ser categorizado em diferentes tipos, como sugere Berger (2007) ao citar os seguintes tipos: físico, verbal, relacional e eletrônico. Assim é importante salientar a importância de aspectos culturais para às variações no modo como esses

comportamentos se manifestam no contexto escolar.

Como já dito anteriormente, o *bullying* é uma subcategoria de comportamento agressivo, contudo, cabe aqui, adotar o termo *bullying* homofóbico, em virtude do seu direcionamento à orientação sexual dos sujeitos, ocasionando em uma ruptura dos direitos humanos dos indivíduos acometidos por essa violência social. Desse modo, não é tarefa fácil abordar essa temática, haja vista o seu apagamento dos dispositivos escolares, assim como pelo silenciamento dos professores, gestores, pais e funcionários. Em face disso, o *bullying* homofóbico segue sendo alimentado e perpetuado dentro e fora dos domínios escolares, visando enquadrar a homoafetividade como algo “anormal” através de comportamentos e atitudes coercitivas, em prol da hegemonia da heteronormatividade nesses espaços (Pereira, Varela, & Silveira, 2015).

Em analogia a isso, ambos os narradores abordam em suas experiências a ocorrência de três formas de violência, que se manifestam desde a violência física, a violência verbal e a violência psicológica. No tocante à primeira forma de violência, a física, o narrador 1 descreveu que tal forma de violência se repercutia principalmente com agressões físicas, como empurrões, tapas, socos e chutes, praticados por indivíduos do gênero masculino, sendo importante ressaltar que essas vivências ocorreram primordialmente entre o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio.

Em paralelo à discussão anterior, o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio do narrador 1 foram os mais turbulentos, haja vista a recorrência de atos de violência física em decorrência da orientação sexual do sujeito, sendo que as agressões se intensificavam ainda mais diante da negação da violência ou da tentativa de denunciar tais atos à coordenação escolar. É relevante discutir que em nenhum momento o narrador 1 obteve suporte da escola, mesmo denunciando aos professores e à coordenação, as agressões continuaram ocorrendo de maneira recorrente, sendo um mecanismo mantenedor da opressão.

O narrador 2 infere as suas narrativas em uma escola pública de outra localidade, também em território baiano, entre os anos de 2012, 2013 e 2014, onde a violência física ocorreu também no ensino médio entre o primeiro e o terceiro ano. Diante disso, os comportamentos violentos podem ser descritos desde tapas na cabeça, até empurrões, sentenciados por alunos do gênero masculino. Apesar disso, algumas pesquisas, como a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada no ano de 2009 aponta uma predominância de pessoas do gênero masculino envolvidos em situações de violência física, sem haver discrepâncias quanto ao tipo de

escola, justificando os dados trazidos pelos narradores, ao apontarem que o *bullying* homofóbico era perpetrado predominantemente por sujeitos do gênero masculino, sendo estes sujeitos mais propensos a praticarem violência física (Andrade et al., 2012).

A respeito desses dados, Aronson, Wilson, e Akert (2015) no livro “Psicologia Social” abordam que a violência física (agressão) é uma espécie de comportamento intencional com o intuito de causar dor física ou psicológica a outra pessoa. Em analogia a isso, as agressões podem ser de natureza hostil, que objetiva ferir a outra pessoa, ou de natureza instrumental, que inflige a dor como mecanismo de alcançar outro fim. A partir disso, existem argumentos que apoiam a ideia de que homens são mais agressivos fisicamente que as mulheres, desde a infância, além de argumentos que apontam para fatores situacionais e culturais. Por último, os autores inferem o argumento de que os homens adultos e meninos apresentam maiores chances de serem fisicamente agressivos e cometer crimes de violência, tanto pelo fator gênero, quanto pelo fator fisiológico (álcool e outras drogas), que podem ser fatores preponderantes para a ocorrência da violência física ou de outra natureza, como a psicológica e a verbal, também relatadas pelos narradores.

Adentrando ao tema da violência verbal, o narrador 1 relata que esse tipo de violência ocorria mediante xingamentos voltados a homossexualidade. Tais insultos, eram sempre direcionados ao modo como o sujeito se expressava (fala e trejeitos), modo de andar e se relacionar, propiciando o aparecimento de um fenômeno denominado, exclusão social, que de acordo com Sawaia (2014) é um fenômeno marcado por fraturas e rupturas do vínculo social, ou seja, diz respeito a rejeição, seja ela de natureza material ou simbólica, considerando as representações do mundo, mediante processos como a desqualificação, a desinserção e a desafiliação.

Retomando aos relatos do narrador 1, essa categoria de violência (verbal) era marcada por falas estereotipadas conforme a construção social da homossexualidade, ou seja, eram utilizados termos como “viado”, “bicha”, “boiola”, “aberração”, como forma pejorativa da homossexualidade, evidenciando assim, o modo como a sociedade naturalizou a discriminação sexual, mediante o processo da desqualificação, como proposto acima, por Sawaia (2014) ao apontar as mazelas da exclusão social.

Tal forma de violência verbal é evidenciada de maneira similar pelo narrador 2 ao abordar que durante sua história de vida escolar haveria sofrido violência verbal representada em

comentários hostis a respeito da sua orientação sexual, mediante a utilização de insultos e tentativas de ridicularizá-lo, sendo relevante discorrer que essa forma de violência era acompanhada de outras manifestações agressivas, como a física, citada anteriormente. Desse modo, o narrador 2 conta que na sua trajetória escolar a violência verbal ocorreu frequentemente, se assemelhando ao conteúdo abordado pelo narrador 1, quanto a xingamentos do tipo “viadinho” e “boiola”, explicitando o teor homofóbico do *bullying*, articulado verbalmente como via de ofender a vítima.

Por essa perspectiva, estudos apontam que a violência verbal acontece através de artefatos linguísticos, mediante o emprego de determinadas palavras, estruturas ou expressões, visando ferir a vítima. Em concordância a essas informações, a violência verbal explicitada pelos narradores do projeto se assemelha com esses dados, tendo em vista que a prática da violência verbal adotada pelos agressores, visaram em certo grau machucar e silenciar a homoafetividade no espaço de ensino, adotando termos característicos do *bullying* homofóbico, ao colocar a homossexualidade como alvo de críticas e ofensas (Charaudeau, 2015).

É importante salientar, que essas formas de violência nem sempre aconteceram de maneira isolada, ou seja, a violência física geralmente sempre era acompanhada por outras formas de agressão, como a verbal e a psicológica, sendo que no que diz respeito a violência psicológica os narradores apresentam uma gama de elementos que abarcam desde ameaças, humilhações, chantagens, cobranças para a mudança comportamental, discriminação, exploração, crítica relacionada à orientação sexual e proibição da socialização.

Sob essa descrição referente à violência psicológica, estudos indicam que tal fenômeno engendra elementos da violência verbal, tendo o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar e restringir a vítima do contexto social, corroborando com as narrativas apresentadas pelos narradores 1 e 2, ao exporem que os praticantes do *bullying* homofóbico utilizavam de ameaças e humilhações, como dito acima, conseqüentemente ocasionando em sofrimento psíquico recorrente das vítimas (Albuquerque, Parente, Belém, & Garcia, 2016).

Segundo o narrador 1 a violência psicológica ocorria através de humilhações frequentes, colocando o sujeito como alvo de críticas, bem como, passando por constrangimentos recorrentes ao se expressar durante as aulas, ao ser mencionando durante a lista de presença, ao participar de alguma atividade em sala de aula ou durante as atividades em quadra de esportes. Outrossim, em determinados momentos havia uma espécie de manipulação do grupo de agressores, que ao se

colocarem como superiores, exigiam de modo explícito e implícito, o apagamento da personalidade do narrador.

De tal modo ocorreu nas narrativas do narrador 2 ao apresentar em seu discurso uma série de acontecimentos como ameaças, humilhações e pressão para se adequar aos padrões heterossexuais no contexto escolar. Diante disso, as manifestações de violência, sejam elas de natureza física, verbal e/ou psicológica impactaram diretamente no desenvolvimento de ambos os narradores, descrevendo uma gama de impactos psicossociais que reverberam até os dias atuais.

3.2 IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO *BULLYING* HOMOFÓBICO PARA ALÉM DO CONTEXTO ESCOLAR E POLÍTICAS PÚBLICAS RELACIONADAS

Consoante o narrador 1, os principais impactos psicossociais observados após a conclusão do Ensino Médio, se exprimem desde as habilidades sociais suprimidas, ocorrência de transtornos psicopatológicos como o transtorno de ansiedade social e traços de depressão, além de ideação suicida. Desse modo, a história de homofobia em contexto escolar propiciou uma série de repercussões intra e extrapsíquicas na vida do narrador 1, impactando diretamente no seu processo de autoaceitação e autoconhecimento de sua sexualidade, além de impactar diretamente nas relações sociais do sujeito, que buscou no isolamento uma forma de se proteger do preconceito, propiciando o desenvolvimento do Transtorno de Ansiedade Social.

Diante do impacto negativo do *bullying* homofóbico o narrador 1 recebeu o diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Social referenciado sob a etiqueta 300.23 (F40.10) do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – V) que segundo a Associação Americana de Psicologia (APA) se caracteriza por medo e ansiedade acentuados de situações sociais que o sujeito possa ser avaliado, podendo ter no seu curso do desenvolvimento a história de elementos estressores ou traumáticos, como o *bullying* como no caso do narrador 1 que durante a sua vivência no Ensino Médio sofreu constantes humilhações e ridicularizações durante esse período, apresentando comportamento aversivo às situações sociais, como apresentar trabalhos em público, participar de eventos com a presença de outras pessoas, tendo como estratégia de enfrentamento a fuga e a esquiva social (APA, 2014).

Diversas pesquisas em Psicologia Social no campo da exclusão social corroboram com essas ideias, apresentando que o *bullying*, ou o *bullying* homofóbico mais especificamente, são

fatores relevantes para o adoecimento (Santos & Araújo, 2020). A respeito disso, o narrador 2 concorda com os dados trazidos pelo narrador 1, ao explicitar a natureza destrutiva do *bullying* homofóbico para além do cenário escolar. Esses impactos são explanados pelo narrador 2 desde o desenvolvimento social, escolar e pessoal, devido à homofobia sofrida durante sua vida no período escolar, refletindo na sua vida através de sintomas de fobia social, timidez, ansiedade, bem como a dificuldade para se autoaceitar.

Além disso, em suas concepções acerca do *bullying* homofóbico, o narrador 2 aborda outro elemento relevante, que diz respeito ao medo extremo da rejeição familiar, havendo a necessidade de mascarar a homossexualidade, no intuito de evitar ser rejeitado pelos seus familiares. Esses dados se assemelham as informações contidas nos estudos de Lima, Frutuoso, Feijó, Valério, e Chaves (2015) ao apontarem dificuldades em homens *gays* para a definição e declaração da homossexualidade frente às suas famílias, repercutindo de maneira negativa na saúde mental desses sujeitos que passam a se culpar ou internalizar o preconceito, além do surgimento de uma série de repercussões biopsicossociais.

Nos estudos de Albuquerque, Parente, Belém, e Garcia (2016) citando Cardoso (2012) observa-se que a violência perpetrada contra os indivíduos de orientação não-heterossexual e identidades não-binárias são elementos negativos para a saúde mental. Sendo assim, as vítimas dessas formas de comportamentos hostis apresentem um gama de sentimentos e comportamentos, desde medo, desconfiança, confusão, insegurança, vergonha, isolamento social, dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos, disfunções sexuais, distúrbios alimentares, uso/abuso de substâncias psicoativas e transtornos psicopatológicos, sendo a depressão e a ansiedade os mais relatados em estudos.

Diante do exposto, pode-se compreender que os impactos psicossociais da homofobia na instituição escolar pode ser revelado como mais um dos mecanismos de manutenção das hierarquias sociais que sustentam as bases de exclusão de sujeitos e grupos sociais específicos e vulneráveis no que cerne aos direitos básicos. Posto isso, pode-se entender que a homofobia na escola é um tema bastante complexo de se falar, haja vista o silenciamento que ocorre dentro dessas instituições, reflexos de uma sociedade enraizada em preconceitos e princípios fundamentalistas, sendo a escola um dispositivo que perpetua a norma da heterossexualidade, contrapondo as diversidades existentes, sendo importante se atentar as políticas públicas existentes, assim como, buscar mobilizações visando fomentar novas políticas públicas mais

efetivas (Perucchi & Corrêa, 2013).

É importante ressaltar que no âmbito escolar ao abordar a introdução de políticas públicas de educação voltadas para a homossexualidade visando à garantia de direitos sexuais, faz-se necessário ressaltar a relevância da saúde pública. Entretanto, não é uma pauta fácil para se engendrar, em virtude dos inúmeros silenciamentos ao se tratar da diversidade sexual em âmbito escolar. A partir dessa esfera que o debate se fez visível e viável, para assim, serem implementados nas demandas realizadas por setores da sociedade civil à área da educação (Santos & Araújo, 2020; Vianna, 2012).

Levando isso em conta, Marcon, Prudêncio, e Gesser (2016) discorrem sobre políticas governamentais referentes à sexualidade na escola, visando tanto à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a promoção de saúde, bem como a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos que surgiram a partir de 1990. Dentre documentos que apoiam a atuação profissional nesse campo, destacam-se: Parâmetros Curriculares Nacionais (1998); Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90); Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004); Programa Brasil Sem Homofobia (2004); Programa Gênero e Diversidade na Escola (2008) e Programa de Saúde na Escola (2007).

Sendo assim, a implementação desses programas são de suma importância, visto que é proposto o rompimento da heteronormatividade e discursos sexistas que perduram e constituem as práticas educativas na contemporaneidade. Ademais, é essencial a atuação da (o) psicóloga (o) no contexto escolar e no processo de formação dos educadores, visto que, estes sujeitos são atravessados por valores morais, religiosos e biomédicos, ressaltando a contribuição dessa (e) profissional por meio da desconstrução de gênero e sexualidade, como também o combate aos tipos de violências, garantia dos direitos e a diminuição da vulnerabilidade dos sujeitos na educação (Nardi, Rios, & Machado, 2012).

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL NO COMBATE AO PRECONCEITO SEXUAL

Diante das inúmeras repercussões de violência, seja física, verbal e/ou psicológica contra os sujeitos homossexuais em ambiente escolar, pode-se observar que o aporte psicológico desses sujeitos foi nulo, em ambas as vivências. Os narradores 1 e 2 embasam tal discussão refletindo acerca da importância do acolhimento das vítimas do *bullying* homofóbico e também de outras

formas de violência que transitam os dispositivos escolares, como via de minimizar os impactos psicossociais a curto e longo prazo, através da educação sexual dos estudantes, no intuito de esclarecer esse público a respeito da diversidade sexual, visando romper os estereótipos existentes a respeito das sexualidades não-heterossexuais.

Antes de inserir o papel do (a) psicólogo (a) social no combate ao preconceito sexual, cabe citar a publicação do Conselho Federal de Psicologia (2019) intitulada de “*Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*” contendo a resolução do referido Conselho de N° 1, de 22 de março de 1999, que estabelece que os (as) psicólogos (as) devem atuar seguindo os princípios éticos da profissão, visando combater a discriminação e promover o bem-estar das pessoas. Desse modo, segundo os artigos 1 e 2 da resolução citada, cabe aos profissionais da Psicologia uma prática pautada em contribuir para a reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra pessoas de orientação sexual homoerótica, versando pela garantia dos direitos humanos.

Retomando ao ponto central dessa discussão, o papel da/o psicóloga/o social no combate ao preconceito, mais especificamente a homofobia, deve ser pautado em compreender o preconceito, tendo em vista que se trata de uma manifestação social e histórica aprendido e reproduzido mediante a perpetuação e normatização de expressões e comportamentos, que perpassam pelo contexto individual, cultural e institucional. Desse modo, o (a) profissional deve considerar em sua *práxis*, as causas e consequências dessas manifestações individuais, culturais e institucionais, como via de compreender a ocorrência da homofobia e suas repercussões psicossociais nos sujeitos, vítimas dessa prática discriminatória (Lima, 2020).

Os estudos de Torres e Neiva (2011) apresentam algumas maneiras para reduzir o preconceito e a discriminação, sendo que uma dessas estratégias diz respeito ao enfraquecimento dos estereótipos, mediante atitudes de reflexão, sendo a reflexão crítica bastante útil. Além disso, o diálogo é uma ferramenta de suma importância para a conscientização das pessoas a respeito das implicações do preconceito. Outra possibilidade de minimização do preconceito e discriminação centra-se nos estudos de atitude, sendo um componente afetivo, objetiva-se uma maior facilidade para a mudança das cognições e comportamentos ligados ao preconceito e discriminação, sendo importante enfatizar que para isso ocorrer, é necessário o estabelecimento de metas claras em conjunto.

Costa & Nardi (2015) embasam essa discussão citando os estudos de Dovidio et al. (2010) apontando que o preconceito pode ser caracterizado como uma atitude, composta de uma crença negativa e generalizante (estereótipo), um afeto negativo e um comportamento negativo, havendo diversos instrumentos desenvolvidos para avaliar o componente cognitivo do preconceito, como o *Homophobia Scale*, *Attitudes Toward Homosexuality Scale*, *Index of Homophobia*, entre outros identificados por Costa, Bandeira, e Nardi (2013) e Schawanberg (1993). Portanto, para o combate do preconceito sexual, faz-se relevante entender de que modo ele se manifesta, considerando aspectos sociais e culturais, bem como pela utilização de ferramentas que propiciem a mudança de atitude e conscientização da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da teia de informações contidas no decorrer do texto, faz-se oportuno apresentar as contribuições desse estudo, que permeia através de três eixos a saber: social-acadêmico-científico. Nesse sentido, essa pesquisa fomentou narrativas entre a psicologia e a sociedade, mediante a interlocução de informações a respeito da ocorrência do preconceito contra homossexuais, como via de transformação social nos espaços escolares e na literatura científica, com o desejo de alcançar a sociedade de uma maneira abrangente, proporcionando a discussão e reflexão acerca da diversidade sexual que paira além da heteronormatividade. Nesse sentido, as limitações a respeito da pesquisa geram em torno da carência de informações precisas a respeito da temática, sendo necessário um recorte de informações visando construir diálogos entre homossexualidade, psicologia social e escola.

Com base em tudo que foi dissertado até aqui, é importante salientar a grande necessidade da inserção de profissionais da área da Psicologia em ambientes escolares, mediante a fomentação de políticas públicas mais específicas para a abrangência desses contextos, visando em primeiro lugar a psicoeducação dos agentes que transitam esses espaços, como os docentes, discentes e demais funcionários, no intuito evidenciar a homofobia, discutir a respeito e disseminar conhecimento pertinente à temática. Entretanto, não é tão fácil orquestrar tais políticas públicas voltadas a contemplar pautas como a homossexualidade no ambiente escolar, em virtude da resistência da sociedade em compreender à diversidade sexual, tendo em vista a dimensão social estrutural do preconceito contra pessoas não-heterossexuais.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, G. A., Parente, J. S., Belém, J. M., & Garcia, C. D. L. (2016). Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde em debate*, 40, 100-111. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610908>

American Psychiatric Association. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. [Versão digital em Adobe Reader]. Recuperado de: <http://neuroconecta.com.br/wp-content/uploads/2019/01/DSM-5-portugues.-pdf.pdf>

Andrade, G. S. D. (2020). *Políticas públicas LGBT: quais os impactos da política “Brasil sem Homofobia” para a comunidade LGBTQIA+?*. Recuperado de: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14932>

Andrade, S. S. C. D. A., Yokota, R. T. D. C., Sá, N. N. B. D., Silva, M. M. A. D., Araújo, W. N. D., Mascarenhas, M. D. M., & Malta, D. C. (2012). Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e *bullying* entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, 28, 1725-1736. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000900011>

Antunes, P. P. S. (2016). *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. Recuperado de: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17142>

Aragusuku., H. A., & Lara, M., F., A. Uma Análise Histórica da Resolução n 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228652>

Aronson, E., Akert, R. M., & Wilson. T. D (2015). *Psicologia Social*. (8ª ed). LTC. Recuperado de: https://www.academia.edu/44396173/Psicologia_Social_2015_Elliot_Aronson_Timothy_D_Wilson_and_Robin_M_Akert

Bandeira, C. D. M., & Hutz, C. S. (2012). *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>.

Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. D. L. T. (2019). *Psicologia*. Saraiva Educação SA. Recuperado de: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=W_K7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=BOCK,+Ana+Merc%C3%AAs+Bahia%3B+FURTADO,+Odair%3B+TEIXEIRA,+Maria+de+Lourdes,+Trassi.++PSICOLOGIA.+2.+ed.+S%C3%A3o+Paulo:+Saraiva+Educa%C3%A7%C3%A3o,+2020.&ots=W_GSAOXajo&sig=t7WwKqYquqT2pMETIVpj5eesxEk#v=onepage&q&f=false

Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 15, 679-684. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104->

07072006000400017

Charaudeau, P. (2019). Reflexões para a análise da violência verbal. *Revista Desenredo*, 15(3). Recuperado de: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916/114114895>

Conselho Federal de Psicologia de Brasília. (2019). *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*. [Versão digital em Adobe Reader]. Recuperado de: <https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/>

Costa, Â. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em psicologia*, 23(3), 715-726. doi: <https://doi.org/10.9788/tp2015.3-15>

Estefam, A. (2016). *Homossexualidade, Prostituição e Estupro: um estudo à luz da dignidade humana*. Saraiva. Recuperado de: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788547210571/pageid/0>

Faro, J. P. (2015). Uma nota sobre a homossexualidade na história. *Revista Subjetividades*, 15(1), 124-129. doi: <https://doi.org/10.5020/23590777.15.1.124-129>

Feitosa, C. (2017). *Políticas Públicas LGBT e construção democrática no Brasil*. Curitiba: Appris. doi: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.09.r>

Ferrari, A. (2014). Experiência homossexual no contexto escolar. *Educar em Revista*, (SPE-1), 101-116. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/er/a/pWr95VfbVfF5rPfdHSxfqHB/?format=pdf&lang=pt>

Fleury, A. R. D., & Torres, A. R. R. (2007). Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 475-486. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/bkjhfDsQJ4XgwTcj9HzVr7p/?format=pdf&lang=pt>

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. UFRG. Recuperado de: <http://meiradarocha.jor.br/news/tcc/files/2017/12/Gerhardt-e-Silveira.-M%C3%A9todos-de-Pesquisa-EAD-UFRGS.pdf>

Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751434023.pdf>

Iotti, P. (2021). Da Homossexualidade à Homoafetividade. Dos Gregos à Contemporaneidade. *Revista Direito Civil*, 3(1), 83-107. Recuperado de: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaDirCivil/article/view/1756/1554>

Lima, M. E. A. T. (2003). Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. *Psicologia em revista*, 9(13), 76-88. Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/166/179>

Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia Social do preconceito e do racismo*. Blucher. Recuperado de: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-22016>

Lima, M. E. O., França, D. X., & Freitag, R. M. KO. (2020). *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. Blucher. Recuperado de: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/343842791_Processos_psicossociais_de_exclusao_social/links/5fa53873299bf10f7328c195/Processos-psicossociais-de-exclusao-social.pdf

Lima Silva, M. M. de, Frutuozo, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3), 677-692. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751492012.pdf>

Marcon, A. N., Prudêncio, L. E. V., & Gesser, M. (2016). Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20, 291-302. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202968>

Marques, L. (2014). Homossexualidade, cultura e representações sociais: Um breve percurso sobre a história de sua (des) patologização. *Poliantea*, 10(18), 227-268. Recuperado de: <https://link.gale.com/apps/doc/A424990617/IFME?u=anon~400ed7ba&sid=googleScholar&xid=3e18be56>

Martins-Silva, P. D. O., Souza, E. M. D., Silva Junior, A. D., Nascimento, D. B. D., & Balbi Neto, R. R. D. Q. (2012). Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social. *Cadernos de Pesquisa*, 42, 474-493. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200009>

Mello, L., Avelar, R. B. D., & Maroja, D. (2012). Por onde andam as políticas públicas para a população LGBT no Brasil. *Sociedade e Estado*, 27(2), 289-312. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/se/a/xZP7MNQxfysrJX53QTdcXsD/?format=pdf&lang=pt>

Molina, L. (2012). Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e historiografia da trajetória do movimento homossexual. *Métis: história & cultura*, 10(20). Recuperado de: <http://www.ucs.com.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/776>

Molina, L., & Figueiró, M. N. D. (2012). Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar. *Revista ibero-americana de estudos em educação*, 7(2), 58-77. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/6198/619866406006.pdf>

Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. (11ª ed). Petrópolis, RJ, Vozes.

Oliveira L, M. V de. (2012). Sobre estudos de casos e relatos de experiências... *Rev Rene*, 13(4). Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027983001.pdf>

Paiva, G. F. D de. (Org). (2021) *Políticas descoloridas: perspectivas sobre o (in) acesso da população lgbtqia+ às políticas públicas*. Realize. Recuperado de:

https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/cinabeh/2021/ebook1/TRABALHO_COMPLETO_EV149_MD1_SA4_ID17_08032021195914.pdf

Pereira, C. R., Torres, A. R. R., Pereira, A., & Falcão, L. C. (2011). Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 73-82.

Recuperado de:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/5YSqwN5GKHBCpH3WHDJBzsg/?format=pdf&lang=pt>

Pereira, D. F. (2017). Homossexualidade em cena: Da naturalidade ao preconceito revisitando a produção científica nacional. *Itinerarius Reflectionis*, 13(2), 01-19.

doi: <https://doi.org/10.5216/rir.v13i2.41309>

Pereira, G. R., Varela, C. M., & Silveira, G. P. (2015). O fenômeno do *bullying* homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 1489-1506.

Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6202605>

Perucchi, J., & Corrêa, C. G. (2013). Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vividas por jovens LGBT no período escolar. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(46), 81-99.

Recuperado de: <https://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/115>

Portilho, G. J., Gonçalves, M. J. R., & Caldas, P. G. B. (2020). O ativismo judicial do Supremo Tribunal Federal na criminalização da homofobia e transfobia (ADO 26/DF). *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*, 11(40), 04-15. Recuperado de:

<http://periodicos.processus.com.br/index.php/egjf/article/view/183>

Pretes, É. A., & Vianna, T. (2007). História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. *Iniciação científica: destaques*, 1, 313-392.

Recuperado de: <https://www.academia.edu/download/45408944/102267389-Pretes-Viana-Historia-da-Criminalizacao-da-Homossexualidade-no-Brasil-2.pdf>.

Roselli-Cruz, A. (2011). Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: Seu uso na educação sexual escolar. *Educar em revista*, (39), 73-85. Recuperado de:

<https://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a06.pdf>.

Salgueiro, J. E. (2016). Homossexualidade masculina: comportamento, orientação e identidade. *Psicologia: Teoria e Prática*, 18(1), 60-74. Recuperado de:

<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193846361005.pdf>

Sawaia, B. (2014). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (14^o.ed). Vozes. Recuperado de:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5648113/mod_resource/content/1/Mello%20%282001%29%20-%20A%20viol%C3%Aancia%20urbana%20e%20a%20exclus%C3%A3o%20de%20jovens%20%205Bleitura%20principal%205D.pdf

Santos., E. C. Araújo, L. F. (2020). *Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social*. EDUFPI. Recuperado de: https://www.researchgate.net/profile/Elder-Cerqueira-Santos/publication/341655297_Metodologias_e_Investigacoes_no_Campo_da_Exclusao_Social/inks/5ecd84b292851c9c5e5f4d7a/Metodologias-e-Investigacoes-no-Campo-da-Exclusao-Social.pdf

Santos, D. K. D. (2013). As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Revista Epos*, 4(1), 00-00. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100007

Santos, J. V. D. O., Araújo, L. F. D., Negreiros, F., & Cerqueira-Santos, E. (2018). Adoção de crianças por casais homossexuais: As representações sociais. *Trends in Psychology*, 26, 139-152. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-06Pt>

Toniette, M. A. (2006). Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 17(1). doi: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v17i1.443>

Torres., M. A. (2013). *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. (2ª ed.). Autêntica. Recuperado de: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582178133/pageid/0>

Torres., C. V. & Neiva, R. E. (2011). *Psicologia social: principais temas e vertentes*. Artmed. Recuperado de: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536326528/pageid/1>

Trevisan., J. S. (2018). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. (4ª ed.). Objetiva. Recuperado de: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/28000474.pdf>

Vianna, C. (2012). Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. *Pro-Posições*, 23, 127-143. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000200009>

Yin., R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso. Recuperado de: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290833/epubcfi/6/2\[%3Bvnd.vst.idref%3DYIN_Capa.xhtml\]!/4/4/2%4051:1](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290833/epubcfi/6/2[%3Bvnd.vst.idref%3DYIN_Capa.xhtml]!/4/4/2%4051:1)